

Dívida pública subirá com câmbio

Ricardo Allan
De Brasília

A desvalorização do real frente ao dólar vai provocar um novo salto na dívida pública neste mês. Considerando a cotação do dólar em R\$ 2,1228 de anteontem, a variação cambial em março está em torno de 4%. Só isso elevaria em R\$ 4,8 bilhões o saldo da dívida pública, que fechou o mês passado em R\$ 518,79 bilhões. O impacto direto é sobre a dívida mobiliária federal em papéis cambiais, cujo total é de R\$ 119,72 bilhões.

A alta da cotação do dólar de 3,7% no mês passado foi o principal responsável pelo crescimento de R\$ 5,87 bilhões na dívida bruta do Tesouro Nacional e do Banco Central (BC). O salto foi de 1,14% em relação aos R\$ 512,92 bilhões de fevereiro. A variação do câmbio vai também atrapalhar os planos do governo de reduzir a participação dos papéis cambiais no total da dívida, hoje em 23,08% — 51,12% da dívida é pós-fixada e 13,86%, prefixada.

"Se a situação do câmbio continuar como está nos próximos dias, a parcela da dívida cambial vai aumentar com certeza. Além do câmbio, fizemos emissões líquidas de cambiais no mês, o que eleva o saldo", disse o novo chefe do Departamento



Sérgio Goldstein: "A parcela da dívida cambial vai aumentar com certeza"

mento de Operações do Mercado Aberto (Demab) do BC, Sérgio Goldstein. Ele se referia às duas emissões que o BC fez de papéis cambiais para reduzir a pressão sobre a cotação do dólar, num volume financeiro em torno de R\$ 3 bilhões. Goldstein afirmou que não terá um "estilo diferente" na condução do departamento, que opera diretamente com o mercado. "Nada muda na atuação do Demab, que é apenas o executor da política ditada pela diretoria do

BC. Nós não formulamos política", disse. Apesar de negar mudanças na atuação, Goldstein trocou o chefe-adjunto do departamento, cargo entregue ao técnico do Demab Ivan Luís Lima, e a chefia da mesa de operações, assumida por João Henrique Simão.

O novo chefe substituiu Eduardo Nakao, que deixou a chefia na quinta-feira da semana passada, na esteira de rumores sobre desentendimentos com o diretor de Política Monetária do BC, Luís Fer-

nando Figueiredo, e de supostos vazamentos de informações da última reunião do Copom, que elevou a Selic de 15,25% para 15,75% ao ano.

"Há dois anos, Nakao pediu para sair porque queria se dedicar mais à família. Desde aquela época, eu venho sendo preparado para assumir o posto", explicou o novo chefe, que se disse "chateado" com os rumores que cercaram a saída de Nakao. Segundo Goldstein, a mudança deveria acontecer na segunda-feira da semana passada, mas foi adiada por causa das turbulências na Argentina. Goldstein era consultor de Política Monetária do BC desde janeiro de 2000.

O coordenador de Dívida Pública do Tesouro, Paulo Valle, disse que o governo pode alterar o planejamento da dívida "se for necessário". Caso o câmbio continue pressionado e os juros não caiam, o cenário no qual as contas foram feitas terá que ser mudado. Estão previstas revisões trimestrais do programa. "Por enquanto, ainda estamos dentro da margem de erro do cenário que consideramos o mais realista", disse. Nessa hipótese, a dívida fecharia o ano em R\$ 548,4 bilhões, num prazo médio de resgate de 42,9 meses (hoje, está em 32,2 meses).